

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

9,0

**UM OLHAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO
DIAGNÓSTICA EM PSICOPEDAGOGIA**

Rosicler Gonçalves da Silva

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida

VILHENA – RO/2007

**ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**UM OLHAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO
DIAGNÓSTICA EM PSICOPEDAGOGIA**

Rosicler Gonçalves da Silva

Orientador: Dr. Fabrício Moraes de Almeida

Trabalho apresentado ao curso de pós-graduação da ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA – AJES, como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em psicopedagogia.

VILHENA - RO/2007

ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Rosicler Gonçalves da Silva

Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida
Orientador

NOTA/CONCEITO

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar os aspectos da avaliação diagnóstica em psicopedagogia, onde é enfocada a importância do psicopedagogo conhecer as diferentes situações que a avaliação diagnóstica requer. Apresentando técnicas, procedimentos que o psicopedagogo necessita praticar no momento da avaliação, haja vista que cada situação de avaliação possui sua especificidade, e não esquecendo do aspecto multidisciplinar para o diagnóstico. Trata-se de um estudo bibliográfico referente à avaliação diagnóstica psicopedagógica. As considerações finais apontam para a necessidade do psicopedagogo conhecer as várias técnicas da avaliação, e o conhecimento das mesmas implicará na qualidade da avaliação.

Palavras-Chave: Avaliação Diagnóstica. Psicopedagogia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1 - MODELO DA FICHA DE ENCAMINHAMENTO.	16
Figura 3.2 - MODELO DE ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PAIS.	19
Figura 3.3 - SUGESTÃO DE ANAMNESE.	25

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO II	
AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DO PSICOPEDAGOGO	09
2.1 - ASPECTOS QUE ENVOLVEM O DIAGNÓSTICO	09
CAPÍTULO III	
AS FASES DO DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO	14
3.1 - O DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO	14
3.1.1 – O ENCAMINHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO	16
3.1.2 - ENTREVISTA COM O PROFESSOR	18
3.1.3 - A ENTREVISTA COM OS PAIS	19
3.1.4 - OBSERVAÇÃO DO ALUNO	20
3.2 - O DIAGNÓSTICO BASEADO NA EOCA	21
3.2.1 – A ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM	22
CAPITULO IV	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	30

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Muitos psicopedagogos apresentam dúvidas ao se discutir sobre avaliação diagnóstica da criança com dificuldade de aprendizagem. Diante destas dúvidas existem buscas constante nas causas que levam ao não aprender da criança. Este trabalho monográfico pretende apresentar autores que apresentam a importância da avaliação psicopedagógica. Com suas fases e instrumentos utilizados pelo psicopedagogo, oferecendo assim subsídios para uma melhor avaliação diagnóstica.

No Segundo capítulo veremos autores como WEISS (2003) nos apresentando a importância do trabalho psicopedagógico iniciar a partir de uma queixa. Para essa investigação é importante o profissional ter claro, o conceito sobre dificuldades de aprendizagem e sobre o processo de aquisição de conhecimento da criança.

Para esses conceitos FONSECA (1995) e BOSSA (2000) apresentam definições sobre dificuldades de aprendizagem e a importância de sempre ir em busca dessas definições e suas contribuições para o trabalho psicopedagógico.

Lembrando da complexidade dos fatores que levam a criança a ter dificuldade de aprendizagem, da importância do profissional envolvido ser imparcial e perceber que sozinho não terá resultados significativos. Necessitando muitas vezes

encaminhar para áreas afins e não recusar informações de outros profissionais envolvidos.

No terceiro capítulo teremos sugestões de como organizar um processo avaliativo, com modelos de fichas, roteiros de entrevistas e observações das pessoas envolvidas no processo avaliativo. Tendo para tanto contribuições de VISCA (1991) e de BASSEDAS e COLS (1996) onde esses autores apresentam estruturas diferenciadas para o processo diagnóstico. O qual está dividido em: diagnóstico/prognóstico/ indicação. Cada qual com suas características e etapas próprias.

No quarto capítulo, uma análise conclusiva sobre este processo, com apontamentos sobre a postura do psicopedagogo na realização da avaliação. Onde apresentam a necessidade do profissional de identificar e compreender os processos apresentados no capítulo anterior e escolher o melhor que enquadre em seu ponto de vista e em sua prática psicopedagógica.

CAPÍTULO II

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DO PSICOPEDAGOGO

Neste capítulo, será apresentada uma visão geral sobre psicopedagogia, apresentando sua complexidade e suas definições quanto ao diagnóstico, compreendendo assim objetivos de um diagnóstico.

2.1 - ASPECTOS QUE ENVOLVEM O DIAGNÓSTICO

O diagnóstico tem início com uma queixa seja dos pais, dos professores ou da própria criança, relacionada ao não aprender. É a partir da queixa que a avaliação, ou seja a investigação do psicopedagogo começará. WEISS (2003) apresenta que a queixa surge a partir de um sintoma, e sintoma é o que os profissionais e/ou familiares perceberam como manifestação durante o processo de aprendizagem, ou seja o desvio deste processo.

A queixa surge a partir de um desvio, alterarão no processo de aprendizagem e assim vem a queixa, ela normalmente parte dos professores ou pais. É com ela que será estruturado todo o trabalho do psicopedagogo. Sem ela não possui sentido o psicopedagogo iniciar uma investigação.

Sem ela o trabalho do profissional ou seja do psicopedagogo não será realizado, ele inicia com ela toda uma investigação para conhecer as causas da queixa e assim atuar na situação diagnosticada.

Quando se fala em diagnóstico logo lembramos de “análise” “investigação” mas, investigar o que? Analisar o que? Inicialmente parece simples responder as questões devido normalmente a queixa ser sobre uma dificuldade de aprendizagem. Para responder essas questões o psicopedagogo necessita de um período indeterminado, não podemos determinar o prazo para o diagnóstico.

Ao refletir sobre a questão perceberemos que existem vários aspectos que envolvem as queixas de dificuldade escolar, a queixa não ocorre somente sobre um aspecto, eles possuem uma vasta variedade, são múltiplos as causas. Algo que inicialmente demonstra ser simples, na verdade possui uma complexidade. Assim é necessário que o psicopedagogo atue de forma investigativa todos os aspectos que envolvem a reclamação, mesmo aqueles que parecem insignificantes.

Essa queixa normalmente será referente a aprendizagem, a um desvio que a criança apresenta em relação ao padrão de aprendizagem. Esse desvio pode ser por um problema de aprendizagem ou devido ao fracasso escolar e o psicopedagogo necessita conceituar claramente os dois itens, pois eles apresentam aspectos diferentes.

O fracasso escolar é decorrido a fatores externos da aprendizagem, como: metodologia inadequada, a díade professor aluno não ser amável, desorganização com o estudo, pressão dos pais e professores em relação a determinados conteúdos. Podemos citar vários exemplos de fatores externos que levam ao fracasso escolar.

O fracasso escolar pode ser transformado em problema de aprendizagem quando possui um fator interno ou seja aspectos estruturais estão dificultando a aprendizagem como: estrutura cognitiva, orgânica do SNC sistema nervoso central, a psicomotricidade fora dos padrões normais. a estrutura psíquica envolvendo o emocional da criança ou seja a motivação, a ansiedade em relação a aprendizagem, a aquisição de conhecimentos. São aspectos internos que levam a dificuldade de aprendizagem ou seja dificuldade na aquisição de conhecimentos.

Segundo FONSECA (1995), pode-se dividir os problemas de aprendizagem em: (1) Transtorno de aprendizagem, onde a criança aprende em um ritmo mais lento, possuem sinais difusos de ordem neurológica. (2) A dificuldade de aprendizagem não

possui a causa em si mesmo, podendo a aprendizagem estar comprometida devido a fatores biológicos.

Percebe-se que não é simples determinar a causa dos problemas de aprendizagem. As hipóteses são levantadas e realiza-se uma detalhada investigação sobre a queixa, lembrando que existem fatores internos e externos que interferem no processo de aquisição de conhecimentos, mas não devemos analisarmos de forma isolada os aspectos neurológicos, sociológicos e cultural, perdendo de vista a reciprocidade existentes entre elas. Sendo necessário assim levar em conta a interação existente entre as áreas. Assim problemas de aprendizagem não deve ser visto sobre um único prisma, pois vários fatores podem interferir neste processo, necessitando ser analisado de forma pluridimensional.

O profissional que for atender, avaliar a criança com queixa de dificuldade de aprendizagem, precisa ter um olhar amplo da situação.

BOSSA (2000) nos lembra que o processo de aprendizagem deve ser “natural e espontâneo”, se não estiver sendo, algo estará errado e surgem os problemas de aprendizagem e que o professor e o psicopedagogo não devem desistirem da busca pela resposta sobre a queixa. *“Não desista de procurar respostas e principalmente não subestime a sua importância no processo ensino aprendizagem.”* (Nádia Bossa 2000 pag 18). São várias as questões sobre aprendizagem e seu desenvolvimento, é claro que fatores ambientais são importantes e devem ser analisados, mas não devemos desvalorizar os aspectos biológicos.

O psicopedagogo não pode esquecer que o ato de aprender envolve os domínios: corporal, cognitivo, afetivo e social do aluno e depende do processo de interação com meio escolar: professor, sua didática, metodologia, material didático, avaliações, a escola como um todo.

Haja vista que o objeto de estudo da psicopedagogia é a aquisição do conhecimento, e para investigar este objeto se faz necessário uma referência de como este conhecimento se constrói. E a concepção sobre aquisição do conhecimento nem sempre foi o mesmo. Fazendo uma breve retrospectiva histórica percebemos que o estudo sobre o processo de conhecimento da criança, teve início no século XVII, antes elas eram tratadas como pequenos adultos. Rousseau Foi o primeiro escritor a apresentar que a criança tem um pensamento e uma lógica diferente do adulto.

PIAGET (apud FRANCO, 1995) nos apresenta que a construção do conhecimento está na interação sujeito - objeto. E SOARES (apud TRINDADE, 2004)

utiliza-se de um quadro norteador para compreender como o sujeito estrutura o conhecimento por níveis. O primeiro nível é através da sensação (órgãos do sentido), o segundo nível é através da percepção (sentir) o segundo formação de imagens (criação de imagens em nossa mente sobre aquilo que vimos) em seguida vem a simbolização (a capacidade de simbolizar algo) e por último a conceituação (que resulta da necessidade de nomear aquilo que simbolizamos).

Em sua obra SOARES (1995) nos leva a perceber a importância do psicopedagogo identificar e reconhecer este processo de aquisição da aprendizagem da criança. Não esquecendo que o desenvolvimento ou não desta estrutura pode ser demonstrada de várias maneiras pela criança.

Para o psicopedagogo ter sucesso no diagnóstico é necessário ele ter um sensibilidade em investigar os aspectos da aprendizagem da criança ou seja sua história de vida familiar, escolar, analisando o contexto atual e o passado (a história de vida da criança).

De acordo com BASSEDAS e COLS (1996) devemos ver o aluno como um sujeito que elabora seu conhecimento a partir das situações que vivem, pois toda aprendizagem gera uma transformação no sujeito e na sociedade. O psicopedagogo não pode fazer um diagnóstico descontextualizado da realidade da criança, da realidade em que ela vive.

BASSEDAS e COLS (1996) nos apresenta quais os elementos que compõem o contexto histórico do aluno a ser investigado, após uma queixa. *“... Consideramos como intervém cada um desses sistemas no diagnóstico psicopedagógico. Estamos nos referindo à escola, ao professor, ao aluno, à família e ao psicopedagogos.”*. (BASSEDAS & COLS, 1996: 25).

Dessa forma, os autores citados apresentam que a escola deve ser vista como aquela que possui a função social de transmitir conhecimentos e didaticamente organizados e estruturados; o professor aquele que estimula o aluno na aquisição do conhecimento, tendo uma atuação constante; o aluno como um sujeito que constrói seu conhecimento mediando com seu meio social. A família um sistema com função psicossocial; o psicopedagogo com a função de realizar o diagnóstico.

Ressalta-se que o psicopedagogo necessita dentro deste contexto ter uma postura imparcial, se manter neutro diante dos acontecimentos. Suas atitudes não devem ser influenciadas por qualquer grupo seja família, escola ou mesmo o próprio aluno.

O nível de colaboração muitas vezes não é satisfatório, diante destas situações o psicopedagogo necessitar manter sua imparcialidade e perceber que sozinho não obterá informações suficientes para um diagnóstico. Ele precisa se colocar como mais no grupo, tendo conhecimento que sua participação é fundamental.

Quando os objetivos do professor e do psicopedagogo forem discordantes, a insatisfação ocorrerá de forma implícita prejudicando o processo da avaliação diagnóstica e consequentemente seu resultado.

Os profissionais envolvidos com a criança com problema de aprendizagem, não poderá sozinho reverterem esse quadro, principalmente devido as variáveis que podem interferir neste processo. Haja vista que vários fatores podem levar a dificuldades na aprendizagem.

Quando necessário o psicopedagogo deverá encaminhar a outros profissionais que trabalham com áreas que podem interferir no processo de aprendizagem como por exemplo: neurologia, fonoaudiologia, psicologia.

O panorama da ciência atual está cada vez voltado para estudos levando em consideração a trans e a interdisciplinaridade. Mas, que a inter e trans infelizmente é confundidas com áreas diferentes trabalhando sobre o mesmo assunto mas de forma separadas, ou seja várias áreas da ciência estuda analisa uma situação mas as conclusões não são dividas repassadas para outra área. Mas, o psicopedagogo não poderá esquecer que a sociedade está cada vez mais exigido do profissional capacidade de parcerias que possibilitam maior domínio na atuação, e apresentem resultados satisfatórios diante de uma investigação.

CAPÍTULO III

AS FASES DO DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

Neste capítulo, será apresentado aspecto do diagnóstico com modelos diferentes de sequência de um diagnóstico psicopedagógico, com as características e as especificidades de cada um.

3.1 - O DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

Após o recebimento da queixa, o psicopedagogo necessita tomar algumas providências, para iniciar a avaliação diagnóstica, e de acordo com alguns autores, devem seguir um esquema. VISCA(1991) nos apresenta que o ideal é dividir este processo em esquema de três partes:

I - O diagnóstico;

II – Prognóstico/

III - As indicações.

O diagnóstico, é a descrição, caracterizando o avaliando e seu meio, neste momento o psicopedagogo irá aos poucos descrevendo o sintoma da queixa e seus indicadores explicando os indicadores. Analisando as causas que provocaram as queixas e descrevendo-as e explicando-as dentro de um contexto histórico do aluno.

Assim terá condições para identificar o grau de afastamento de desempenho referente ao grau de desempenho tido como referência. Ou seja o psicopedagogo poderá fazer um paralelo entre o grau de desempenho atual e o grau esperado para o momento. Concluindo esta fase iniciará a próxima, que é o prognóstico.

O Prognóstico, é o levantamento de hipótese sobre o sintoma, ponderando entre causa e sintoma e quais os agentes corretores possíveis ou seja levantando as possíveis alternativas para o tratamento. Para iniciar o tratamento é necessário identificar as causas da dificuldade de aprendizagem os sintomas que são apresentados. Após o prognóstico inicia-se a fase de indicação. Momento relevante para o diagnóstico, pois em muitas situações da avaliação é necessário que o psicopedagogo faça indicações para assim ter condições de concluir o processo avaliativo.

As indicações são quando o psicopedagogo, indica outros profissionais ou indicação de tipo de atitudes corretoras para as hipóteses elencadas. Este profissionais devem ser aqueles de áreas afins ou seja áreas que podem interferir no processo de aprendizagem, sendo: neurologia, fonoaudiologia, psicologia.

Após as indicações a outros profissionais, e recebendo o parecer desses o psicopedagogo, passará para a próxima fase que é elaborar o diagnóstico psicopedagogo.

Diagnóstico consiste em estudo com levantamento de hipóteses diante de uma dificuldade de aprendizagem. Ele apresenta as causas e os sintomas dessas dificuldades.

Ele não deve ser realizado sem uma estrutura pré determinada, devendo para sua realização o psicopedagogo ter o conhecimento das etapas e dos elementos que envolvem esse processo. Pois sem uma estrutura consistente o psicopedagogo corre o risco de perder suas diretrizes durante a realização. Vários autores da área apresenta sugestões de como o psicopedagogo poderá estruturar seu sistema de trabalho na elaboração do diagnóstico.

A seguir será apresentado alguns modelos ou seja sugestões de como o psicopedagogo poderá estruturar o diagnóstico a ser utilizado.

BASSEDAS e COLS (1996) nos apresenta um modelo de diagnóstico, o qual inicia com o encaminhamento, normalmente feito pelo professor. Assim podem observar a seguir como a autora sugere esta organização:

3.1.1 – O ENCAMINHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO

Este é o momento em que o profissional recebe a queixa, da qual irá investigar as causas e os sintomas.

Sugerem-se que o encaminhamento, seja feito de forma formal, evitando os encaminhamentos realizados através de um bate-papo informal, de recados ou indicações indiretas onde uma pessoa que não está envolvida na situação ou seja, não é pai, ou professor da criança e sim uma terceira pessoa que julga ser possível encaminhar sem o conhecimento dos pais e professores. Assim o aluno deverá ser encaminhado através de uma ficha em que o professor deverá dirigir ao psicopedagogo, sempre com conhecimento dos pais. Ou os próprios pais encaminharem e comunicar aos professores.

Assim o psicopedagogo poderá conhecer a queixa. Antes de iniciar a intervenção da criança encaminhada, o profissional necessita de informações detalhadas sobre o assunto.

O psicopedagogo deverá elaborar a ficha com informações que julgar relevante para iniciar o diagnóstico como mostra a Figura 3.1:

Figura 3.1 - MODELO DA FICHA DE ENCAMINHAMENTO.

Data_____
Nome_____ DN _____ Idade_____
Escola_____
Professora_____
Escola_____ série _____
Desde que série está na escola_____
Repetiu_____ Não _____ qual_____
O que mais preocupa na criança?
A)Aspectos de relacionamento
B) Aspectos de compreensão e raciocínio
C) Área de aprendizagem específica

Fonte: BASSEDAS e COLS (1996).

BASSEDAS e COLS (1996), apresenta uma sugestão de como o psicopedagogo poderá formular uma ficha que entregará ao professor logo que recebe a queixa, para a mesma ser formalizada ele ter informações sobre a criança a ser avaliada. Na ficha deve conter informações básicas sobre a escola e o aluno, como: nome do aluno, idade, série em que estuda, nome do professor, se repetiu alguma série e informações seu desempenho em sala de aula, como: dificuldade ou facilidade em relação alguma disciplina.

Para iniciar o diagnóstico, o avaliador necessita receber uma queixa. Para as informações recebidas chegarem até ele de forma clara e sucinta, sugere-se que seja elaborado uma ficha que facilite quem vai encaminhar. Assim o psicopedagogo terá informações que possibilite iniciar o diagnóstico. Essas informações não devem ser esperadas de forma aleatórias, cabe ao psicopedagogo elaborar um modelo para o encaminhamento ou seja formular um sistema para que a queixa seja registrada de forma coerente e compreensível.

Em seguida será apresentado como sugestão dois modelos de como o psicopedagogo poderá estruturar o processo de avaliação diagnóstica

A primeira começa com:

- entrevista com o professor;
- entrevista com os pais: (anamnese);
- observação do aluno;
- revisão dos trabalhos de sala do aluno;
- entrevista com aluno.
- Depois será realizada a conclusão tendo a entrevista devolutiva.

O segundo modelo foi elaborado por VISCA (1991):

- entrevista com o aluno;
- teste com o aluno;
- Anamnese (entrevista com os pais)/ e professor;
- elaboração das informações, tendo as conclusões e conseqüentemente a entrevista devolutiva.

3.1.2 - ENTREVISTA COM O PROFESSOR

Após o encaminhamento, com a tentativa de ampliar as informações da ficha de encaminhamento, sugere-se entrevista com o professor para informações mais detalhadas sobre o caso.

Neste momento o psicopedagogo necessita ser visto pelo professor como mais um no grupo de ajudar a criança que encontra problemas no rendimento escolar, não como alguém que retém o conhecimento. Esta etapa deve ser observada situações para ser realizada, evita para sua realização corredores ou lugares tumultuados. O ideal é uma sala com ambiente tranquilo.

De acordo com BASSEDAS e COLS (1996) os objetivos da entrevista devem ser:

Estabelecer relação clara, funcional e positiva com o educador. - Ampliar a informação recolhida na folha de encaminhamento...- Colher informação professor possui... -Desvendar o que tenha feito o professor até o momento do encaminhamento para ajudar a criança. -Fixar objetivos mínimos e compromissos mútuos na colaboração a ser estabelecida...- Captar mais vivenciais da relação que o professor estabelece com a problemática da criança...” (BASSEDAS e COLS, 1996, p.51)

Para atingir os objetivos o psicopedagogo muitas vezes necessita auxiliar o professor a refletir sobre as capacidades e dificuldades da criança e demonstrar a ele que muitas vezes para a criança superar o problema o professor terá um papel fundamental.

O momento entre o psicopedagogo e o professor precisa ser a oportunidade de um passar informações ao outro, não o momento de impor suas idéias. O avaliador deve de maneira agradável receber informações que auxilie na avaliação, mesmo que a queixa tenha partido da família.

Na entrevista com o professor, o psicopedagogo anotará informações como: qual ou quais conteúdos que trabalham em sala, que recursos pedagógicos o professor utiliza, quais as técnicas, como é a diáde dele com o aluno, e principalmente que alternativas o professor já tentou para solucionar o problema apresentado.

3.1.3 - A ENTREVISTA COM OS PAIS

De acordo com a BASSEDAS e COLS (1996) a estrutura da entrevista com os pais depende principalmente da escola. Necessita apresentar aos pais os problemas possivelmente apresentados pelo professor. Através da entrevista busca-se investigar como ocorre a comunicação entre pais e escola, perceber se os objetivos dos dois grupos possuem algo em comum.

A entrevista dará condições do profissional perceber a possível colaboração dos pais durante as estratégias de intervenções. Procurando entender a relação interna e externa da família. Sendo o momento conveniente para mostrar aos pais a necessidade de um trabalho colaborativo para a solução do problema (queixa referente ao desempenho do aluno).

Aconselha que a entrevista com os pais seja organizada em uma anamnese com informações desde o nascimento até a entrada na escola (onde normalmente percebe-se a queixa de dificuldade de aprendizagem). A Figura 3.2 apresenta um modelo de roteiro:

Figura 3.2 - MODELO DE ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PAIS.

Nome do filho:
Data de Nascimento:
Nome da escola:
Queixa dos pais em relação a escola;
Queixa dos pais em relação ao filho;
Descrever como é realizado a tarefa de casa;
Quando iniciou a estudar;

Esse roteiro, deve ser visto somente como sugestão cada psicopedagogo deverá elaborar sua entrevista com questões que possam auxiliá-lo no levantamento de hipóteses em relação a queixa.

3.1.4 - OBSERVAÇÃO DO ALUNO

A observação é usada como um instrumento do diagnóstico, possibilitando uma análise do problema de forma real, possibilitando um estudo da situação.

O objetivo principal da observação é conhecer a dinâmica e a relação aluno com o grupo sala/escola. Podendo ser realizada de forma individual ou coletiva, realizando registros da mesma.

BASSEDAS e COLS (1996) nos apresenta um roteiro para observação:

- a. Interação professor /aluno;
- b. Interação com os colegas;
- c. Atitudes diante das atividades;
- d. Realização das atividades;
- e. Interação com o observador.

Durante a observação do aluno o psicopedagogo deve analisar como o professor e o aluno se relacionam, ou seja como é a díade entre eles, outro aspecto é como este aluno se relaciona com os colegas, como ele realiza as atividades. Neste período o psicopedagogo não deve interferir na situação, necessitando observar e dela retirar informações relevantes ao processo. Sempre anotando aspectos que julgar relevante para o processo de avaliação. Se for possível anote de maneira discreta na hora que está observando, ou logo após a observação. Não deixando para algum tempo depois, pois pode deixar de anotar informações importantes.

A revisão é um instrumento a mais no diagnóstico psicopedagógico. Tendo como principal objetivo conhecer as produções do aluno em sala de aula, neste momento pode-se conversar com o professor sobre o desempenho do aluno, suas principais dificuldades.

É o período em que o psicopedagogo irá conhecer de forma detalhada a produção do aluno, como ele realiza as atividades percebendo as dificuldades e facilidades.

A entrevista pode ser planejada em um ou vários encontros com a criança, sendo normalmente realizada fora da sala de aula da criança, procurando primeiramente criar um vínculo com a criança sua estrutura varia muito devido a idade

da criança. Mas sempre tem como objetivo é obter mais informações sobre o domínio do conteúdo pelo aluno.

Os testes devem ser elaborados referente ao ambiente pedagógico como teste de linguagem: leitura e escrita; quantidade e raciocínio lógico. Observando sempre o nível de desenvolvimento da criança.

O psicopedagogo terá condições de levantar uma hipótese e realizar as indicações de julgarem necessárias.

Este é um momento muito importante no diagnóstico. Para iniciar a entrevista é aconselhável que o psicopedagogo já tenha várias informações da criança que foram retiradas da entrevista com professor, com os pais, da observação e da análise dos trabalhos em sala.

O psicopedagogo terá condições de forma espontânea retirar informações relevantes e em algumas situações modificar hipóteses levantadas com a entrevista dos pais e dos professores. Pois neste momento ele irá analisar diretamente a criança, neste momento ele irá encaminhar para avaliação de outras áreas.

VISCA (1991), mostra que esta ordem pode significar que “os adultos sabem as crianças não”. Dessa forma, precisa primeiro um pré- conhecimento da criança com informações dos pais e professores e através dos testes com a criança serão confirmados. E os testes pré estabelecidos tem como função medir o ajuste do avaliando a um modelo existente. As informações anteriores a entrevista com o aluno correm o risco de colaborar com um preconceito, criando hipóteses antes do conhecimento da criança.

Visto que o diagnóstico consiste em um sistema que realiza o reconhecimento que leva a um prognóstico e as indicações. Assim as hipóteses devem ser confirmadas ou não através da anamnese.

3.2 - O DIAGNÓSTICO BASEADO NA EOCA

A seqüência apresentada por VISCA (1991) consiste em:

- 1- EOCA (entrevista operativa centrada na aprendizagem);
- 2- Testes;
- 3- Anamnese;

4- Elaboração de informações.

Para ele com outra seqüência, de diagnóstico irá possibilitar elencar hipóteses e conclusões com a interferência de informações de outras pessoas. VISCA (1991), sugere uma seqüência que não receba a interferência de outras pessoas no momento de elaborar as hipóteses em relação ao aluno. Assim ele indica que o psicopedagogo deva receber e analisar as informações repassadas pela escola e pela família mas, depois que já tirou do aluno as primeiras informações.

Na EOCA as informações vindas do professor, escola e pais devem ser a etapa antes de elaborar as informações. Quando já realizou as atividades com o aluno e aplicou os teste, quando necessário, neste momento ele irá buscar as informações de terceiro, para depois elaborar as informações.

São informações relevantes os dados repassados pelos professores e pais no processo de avaliação diagnóstica psicopedagógica, mas elas não podem influenciar o contato do avaliador e a criança.

3.2.1 – A ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM

Consiste em uma intervenção inicial, que são de três níveis: a) as que tendem a facilitar a transição de uma atividade para a outra; b) as que dirigem os aspectos energéticos; c) as que consideram os aspectos estruturais e funcionais. Tendo como objeto de estudo as manifestações cognitivas/afetivas nas situações de aprendizagem.

Os indicadores para o processo cognitivo são as situações, estratégias de aprendizagem juntamente com suas características. Para os indicadores afetivos são os aspectos psicológicos. Não perdendo a característica da simplicidade mas procurando ser rico em informações, para tanto o psicopedagogo poderá apresentar à criança vários materiais como folhas, lápis, massa de modelar, quebra-cabeça ou seja o material que julgar necessário para colher as informações, deixando o avaliando livre para expressar o que sabe.

Levantando assim o primeiro sistema de hipóteses, no processo de diagnóstico. Que devem ser verificadas em um segundo momento onde será levantado o segundo sistema de hipóteses (que será através dos testes).

Neste processo as primeiras hipóteses são retiradas da entrevista com a criança e depois com os testes aplicados a ela.

A entrevista deve ser estruturada de forma que a criança de maneira espontânea e clara informe como é o relacionamento com a professora, qual sua dificuldade na escola, como é com os colegas, o que gosta de fazer. BOSSA (2000), apresenta que a criança muitas vezes não consegue falar claramente sobre seus problemas, pois não conhece as causas deles. Para resolver essa situação é necessário o psicopedagogo utilizar de jogos, brincadeiras, desenhos, histórias, para a criança falar dos seus problemas na escola, em casa, no momento de estudar.

O avaliador conseguirá resultados positivos quando a criança sentir confiança no profissional e se sentir a vontade. Assim espontaneamente a criança dará informações relevantes para a avaliação diagnóstica sobre a dificuldade de aprendizagem. Se a criança não colaborar, o psicopedagogo não realizará a entrevista, forçado não deve retirar informações da criança, se for preciso utilize vários encontros até a criança se sentir a vontade. Deve-se em casos de resistências utilizar os primeiros contatos para adquirir confiança da criança

A entrevista com a criança será estruturada de maneira completamente diferente da entrevista elaborada para os pais. O psicopedagogo irá elaborar brincadeiras, jogos, histórias e desenhos.

É a eleição dos instrumentos utilizados pelo psicopedagogo para levantar o segundo sistema de hipóteses na investigação das queixas no processo de aprendizagem.

Segundo WEISS (2003) conclui que as provas operatórias possuem nessa etapa condições de determinar o grau de aquisição de conhecimento da criança, ela nos alerta que não é aconselhável aplicar várias provas seguidamente, para evitar respostas influenciadas. Se for preciso utilize mais de um encontro para aplicar os testes, necessita sempre observar se a criança não está cansada, respondendo sem interesse ou se uma resposta não influencia a outra.

Os desenhos podem e devem ser utilizados como teste mas, PAÍN(1985) apresenta os aspectos que o psicopedagogo deverá observar nos desenhos realizados pela criança: capacidade de construir uma organização coerente e harmoniosa. Tendo o cuidado de realizar uma análise psicológica dos desenhos, deixando de analisar aspectos cognitivos ou seja a capacidade da criança de transferir para o desenho aspectos coerentes e harmonioso com a realidade.

Outro instrumento são as provas para avaliar os aspectos pedagógicos/aprendizagem, linguagem e psicomotricidade. Os mesmos devem ser escolhidos de acordo com cada caso elevando em consideração a necessidade de confirmação de

aspectos levantados no primeiro sistema de hipóteses da entrevista operativa centrada na aprendizagem, assim não sendo obrigatório sua aplicação.

Os testes não devem ser pré determinados, o psicopedagogo para escolher os testes deve observar a fase da criança ou seja o nível de conhecimento dela. Após conhecer a criança, Ele irá escolher os teste a serem utilizados.

A anamnese revela informações revelantes ao processo da avaliação diagnóstica, pois trás informações referente ao presente e passado da criança, além de poder dar informações sobre a visão da família. Oportunidade de colher dados sobre a história do avaliando. De acordo com WEISS (2003):

... toda anamnese já é, em si, uma intervenção na dinâmica familiar em relação à 'aprendizagem de vida'. No mínimo se processa uma reflexão dos pais, um mergulho ao passado, buscando o início da vida do paciente, o que inclui espontaneamente uma volta à própria vida da família como um todo. (WEISS, 2003:63).

Durante a anamnese o psicopedagogo necessita deixar os pais a vontade para poder colher as informações sobre a criança. É importante iniciar a entrevista falando sobre a gravidez, pré-natal, concepção, primeiras aprendizagens, aquisição da linguagem, alimentação, sono, interação família, obter informações geral da criança. .

Podendo deixar a família falar livremente, em alguns casos necessita ter questões previamente elaboradas e seguir o roteiro na entrevista com os pais.

Esse roteiro deve ser visto como modelo de uma sugestão, cada profissional, irá elaborar a sua ficha de anamnese, lembrando que quanto maior o numero de informações , melhor para o psicopedagogo.

Levantando com essas informações o terceiro sistema de hipóteses diagnóstica.

Essas por sua vez deve ser detalhada com informações sobre o nascimento, primeira infância, entrada na escola, as brincadeiras preferidas, como é a alimentação, como relaciona-se com os familiares e qual a composição da família.

É o momento no processo diagnóstico em que formula uma única hipótese ou seja, reuni os três sistemas de hipóteses levantados na EOCA (entrevista Operativa Centrada na aprendizagem) – 1º sistema de hipótese; Testes – 2º sistema de hipóteses e Anamnese – 3º sistema de hipóteses. As hipóteses elencadas em cada etapa necessita em um momento analisar a todas, para formar uma única hipótese.

Figura 3.3 - SUGESTÃO DE ANAMNESE.

Nome do filho	DN
Local de Nascimento	
Qual atividade que mais gosta de fazer	
Nome dos pais	
Endereço	
Como é usado o tempo livre do filho	
Como é o relacionamento com os colegas	
Informações sobre a gestação como: foi tranquila, fez pré-natal, a mãe tomou algum medicamento,	
O nascimento? o parto (demorado, cesariana, normal)	
quando engatinhou, sentou, falou, como foi o controle esfincteriano (se tem), como é o sono, faz uso de algum medicamento, como é a alimentação,	
Quais as expectativas dos pais em relação ao desempenho do filho	
Quantas pessoas em casa:	
Como é a composição familiar	
Posição do nascimento do filho em relação a irmãos (quando tiver)	

A Figura 3.3 apresenta uma sugestão para ANAMNESE, a partir das análises dos dados de cada etapa surge o diagnóstico que aponta um prognóstico e uma indicação ou encaminhamento. Com essa informação surge o laudo do que foi diagnosticado. Neste momento o psicopedagogo chegará a uma conclusão referente a queixa apresentada pelos pais ou pelo professor, que deve ser registrada com informações sobre a criança citando os instrumentos utilizados para chegar nas conclusões e qual o prognóstico.

Todo esse processo tem como consequência a entrevista de devolução para a família e/ou escola. Primeiramente orienta-se que o segmento que fez a queixa e receba primeiramente a entrevista devolutiva, observando que o detalhe das informações dependerá para qual segmento será feito a devolução, deve-se redigir informações adequadas a cada um, a devolução para os pais não possuirá os detalhes e aspectos da devolução feita para a escola.

Se foi a escola quem fez o encaminhamento, os pais não devem deixar de receberem uma devolução referente ao processo pelo qual o filho passou.

A devolução deve ser bem conduzida, não deixando dúvidas e não criando rótulos e preconceitos referente a criança avaliada. Situações que podem surgir com as crianças que passam pelo processo de avaliação diagnóstica.

Portanto, o psicopedagogo deve fazer uma devolução à família e à escola, sendo claro nas indicações. Essas não devem faltar na devolução e no relatório conclusivo. O relatório conclusivo necessita ser formal, como foi encaminhamento. Constando dados de quem encaminhou, quando e porque, apresentando as etapas, os instrumentos utilizados e se teve algum encaminhamento para outro profissional durante o processo de avaliação deve ser constado, descrever as conclusões e se necessitar uma intervenção, também deve ser descrito. Tendo um diagnóstico e prognóstico da queixa da dificuldade de aprendizagem.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico psicopedagógico possui grande relevância, pois a partir dessa avaliação começa a estruturar a intervenção e posteriormente a mudança de resultados da aprendizagem da criança avaliada, sendo necessário para o sucesso do processo um conhecimento consolidado em teoria e prática. Ele envolve criança/escola/ família e psicopedagogo, com suas expectativas e desejos, o profissional envolvido no processo necessita ter condições para realizar uma leitura sobre as situações em que a criança está envolvida. Para tal postura é necessário conhecer as alternativas para ele escolher como será estruturado seu trabalho.

Esta escolha somente acontecerá de forma coerente quando o avaliador conhecer o processo de aquisição da aprendizagem, a fase do desenvolvimento que a criança se encontra e como é estruturado, quais as fase e etapas de uma avaliação diagnóstica.

Para ter esse conhecimento é necessário um estudo sistematizado sobre avaliação diagnóstica e conhecer quais as áreas afins, que estão relacionadas com dificuldades de aprendizagem. Com esses conhecimentos ele terá condições de escolher a estrutura que julga adequada para a avaliação diagnóstica.

Existem duas linhas em que o psicopedagogo pode estruturar o processo diagnóstico. Uma inicia com anamnese antes de entrar em contato com a criança, defendida principalmente por: WEISS (2003), BASSEDAS e COLS (1996), a outra apresenta a anamnese no final, defendida principalmente por VISCA(1991), estrutura assim “para que não haja contaminação pelo bombardeio de informações trazidas pela família” (SAMPAIO, 2006). Essa contaminação poderia influenciar o psicopedagogo na hora de entrar em contato com a criança e assim ser influenciado na hora de levantar as hipóteses.

A estrutura defendida por VISCA(1991), apresenta que o ideal é o psicopedagogo conhecer a criança, levantar suas hipóteses sem a interferência de opiniões externas, assim ele terá condições de analisar a situação sem preconceitos já enraizados nas pessoas que convivem com a criança avaliada.

Esta estrutura é denominada por “Diagnóstico baseado na EOCA- (Entrevista operativa centrada na aprendizagem)”, ou seja centrada na criança, em sua aprendizagem. Assim conhece primeiramente a criança, suas dificuldades e facilidades, só depois entra em contato com as pessoas que fazem parte deste processo ou seja: família e escola, com suas respectivas queixas.

Dessa forma, o psicopedagogo analisa a criança, levanta suas hipóteses iniciais, somente depois colhe informações da família e escola, posterior a esse contato ele terá condições de elencar novas hipóteses confrontando com as iniciais tendo suas conclusões finais.

A outra estrutura do diagnóstico é iniciado pela anamnese ou seja pela entrevista com os pais e com a escola ou o inverso, somente depois entram em contato mais direto com a criança. Esta postura acredita que as informações obtidas com a família e com a escola ajudará a compreender melhor a fase e etapa em que a criança se encontra.

A hipóteses iniciais são criadas com a informações iniciais, o contato com a criança irá confirmar ou refutar as hipóteses levantadas. Com esta confirmação ou não o psicopedagogo terá condições de ter suas conclusões finais.

Esta diferença de acordo com WEISS (2003) não altera o resultado do diagnóstico. O que altera seu resultado é o conhecimento da linha escolhida, suas implicações de como o psicopedagogo deve proceder em cada situação.

WEISS (2003) apresenta a necessidade do psicopedagogo acreditar na linha que escolher, esse é o aspecto que fará a diferença. Ele conhecendo bem cada

processo poderá fazer uma escolha segura referente ao processo que deseja atuar. Sem conhecimento os objetivos não estarão claros e ele poderá perdê-los no decorrer da realização do diagnóstico.

Além de acreditar o psicopedagogo precisa conhecer teoricamente a linha escolhida, conhecendo seus aspectos e estruturas, quais os autores que a defendem. Somente através do conhecimento o psicopedagogo poderá fazer uma escolha segura, respondendo para si mesmo o porquê da escolha. E se vai de encontro as expectativas do profissional.

As técnicas, a estrutura do diagnóstico, é para o psicopedagogo o quê a rede é para o equilibrista. Ou seja, a presença da rede da confiança ao equilibrista em realizar a performance pois sabe que qualquer imprevisto ela (a rede) estará lá. Assim qualquer imprevisto durante o processo de avaliação o psicopedagogo poderá contar com as técnicas que podem ser mudadas para dar a ele tranquilidade na realização da performance da avaliação, tendo assim segurança em realizar a performance. O psicopedagogo tem as técnicas do diagnóstico como base do seu trabalho.

O que diferencia normalmente alguns diagnósticos Psicopedagógico é o nível de fundamentação que o profissional possui para organizar sua prática. O profissional necessita analisar o cotidiano, a vivência do dia-a-dia, mas para que esta análise ocorra de forma coerente, terá o suporte do conhecimento teórico.

Portanto, não importa qual a técnica escolhida, o que realmente vai diferenciar sua prática é o conhecimento que o psicopedagogo tem do processo diagnóstico escolhido.

REFERENCIAS

BASSEDAS, Eulália; COLS. **Intervenção Educativa e diagnóstico psicopedagógico.** Porto Alegre: Artmed Editora, 1996.

BOSSA, Nádia. **Dificuldades de aprendizagens: o que são? Como trata-las?** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo: psicopedagogia propiciando autorias de pensamento.** Trad. Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001,

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem.** São Paulo: Artemed, 1995.

FRANCO, Sergio Roberto K. **O Construtivismo e a educação.** 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 1995.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médica, 1985.

SAMPAIO, Samaia. **Breve histórico da psicopedagogia.** Disponível em: <http://www.simaiapsicopedagoga.ublihp.com.br/brevehistorico.htm>. Acesso em dez./2006.

SOARES, Dulce Consuelo R. **Psicopedagogia on-line: Abrindo a caixinha de insetos de Pedro: sujeito epistêmico x sujeito desejante possíveis convergências entre Piaget e Freud.** Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigos.asp?entrID=294>.

TRINDADE, Vera (org). **Tendências contemporâneas em psicopedagogia.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

VISCA, Jorge. **Psicopedagogia novas contribuições.** Organização e tradução Andréa Moraes, Maria Isabel Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

WEISS, M. L.L. *Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.